# ② EX-PRESOS POLÍTICOS: TRÊS TIPOS DE COMPORTAMENTO

PÁGINAS DA RESISTÊNCIA

Em qualquer processo de luta contra a opressão evidenciam-se três tipos de comportamentos: resistir, vacilar trair.

Nestas páginas apresentamos um resumo da reunião entre os ex-presos políticos da PIDE e a direcção da FRELIMO, reunião essa em que, através da crítica e da autocrítica, foram desenterradas páginas da história da luta contra o colonialismo português e em que se demarcaram aqueles que resistiram sempre, os que vacilaram e os que entraram em compromisso aberto com o inimigo.

## OS QUE VACILARAM

Chama-se Angelo Azarias Chichava. Nasceu na província de Gaza e vive em Maputo desde 1955. O seu caso é representativo de todos aqueles presos políticos cuja actuação nas cadeias da PIDE-DGS vacilou entre a fidelidade à FRELIMO e as pequenas cedências.

### DA FASE INICIAL AO ALICIAMENTO

Presos pela PIDE, entraram na prisão sem uma prática de luta organizada e sem uma ideologia correcta na qual o patriotismo se misturava com uma certa dose de tribalismo. Sobre eles se abate a repressão da PIDE, repressão essa que passa por diversas fases desde a brutalidade física à tortura psicológica. Ouçamos esse processo contado por Ângelo Chichava:

«*Nós a princípio, quando a prisão começou a pesar, rezámos. Começámos a pedir a Deus para nos ajudar a sair da prisão. Mas infelizmente também chegámos à conclusão de que os deuses eram pequenos...*

*Estivémos no pavilhão 8, cela 2, e começámos uma outra forma de viver. Abandonámos as crenças, abandonámos tudo e começámos a querer progredir no campo dos estudos. Roubámos livros. Metíamos jornais clandestinamente quando começaram as visitas. Isso também era um desafio que nós fazíamos à PIDE, um desafio descarado... Na verdade as nossas atitudes eram extremas. Nós decidíamos fazer uma coisa e fazíamos. Queríamos estudar, conseguimos estudar. Alguns de nós que entravam na cadeia sem saber ler nem escrever conseguiram sair de lá evoluídos.*»

Em 1968 a Luta Armada de Libertação Nacional tem já a força de um processo irreversível a caminho da independência que abrange a denúncia internacional do colonialismo português. O regime colonial-fascista português muda de táctica: por um lado, mantém a repressão física, a brutalidade que sempre o caracterizou; por outro lado, passa à tortura psicológica, ao aliciamento dos presos políticos por meios subtis. Como diria o Presidente Samora Machel, o objectivo da nova táctica era «*ganhar e recrutar elementos de vocação burguesa com credenciais patrióticas e nacionalistas*». Começam momentos extremamente difíceis para aqueles que mais mantinham vivo o espírito patriótico.

Ângelo Chivava recorda esse novo processo:

«*Na cela 2, pavilhão 8, começou o movimento de «Recuperação dos Extraviados Políticos». Quero começar já a entrar no assunto.*

*Nós assistíamos das janelas à vida que se levava lá fora, porque a nossa vida como foi descrita aqui foi sempre de cativeiro e em condições difíceis.*

*Nós víamos grupos corais a cantar a «Maria Anita» ou a «Portuguesa». Nós víamos pessoas trabalhando nas machambas, nós víamos pessoas que trabalhavam nos postos de socorro, vestidos de batas brancas, a responder às visitas que por lá passavam, nacionais portugueses e internacionais amigos dos portugueses, que os presos eram bem tratados, comiam bem, e uma série de coisas. Isso revoltava-nos.*

*...Quando entrou para chefe da cadeia (Machava), Armando da Costa*

*Alguns dos que aqui estão vacilaram.*

*Gonçalves, abandonaram-se em parte os métodos violentos e utilizou métodos baseando-se na psicologia do homem. Criou condições para a criação do jornal «Ressurgimento». Colocou os presos numa aparente liberdade, passeavam fora, trabalhavam fora, até nas casas dos chefes da PIDE.*

*Faziam escultura, comercializou-se em grande escala a arte maconde, marfim, pau preto e muitas outras coisas. A dança Mapiko, Xigubo e toda uma série de coisas. Nós assistíamos a isso através das janelas.*

*O movimento foi crescendo e nós continuávamos na nossa posição firme e determinada. E então chega a vez de querer criar um órgão ideológico para difundir aquela vida que se vivia lá, aquelas condições todas que tinham sido criadas, para além daqueles muros. Discutimos seriamente e todos nós chegámos à conclusão de que não podíamos fazer seja o que for. Devemos resistir, não aceitarmos qualquer tarefa porque nos não separávamos o jornal, em tanto que jornal-revista, de todo o complexo da situação que se tinha criado na prisão... Nós não separávamos isto tudo. Nós analisámos e chegámos à conclusão de que tudo isto tinha o mesmo objectivo: pretendiam criar uma boa imagem da PIDE e denegrir a imagem da nossa Organização. Era o objectivo disto tudo. Nós chegámos a esta conclusão: todas as tarefas e todas as condições que foram criadas, incluindo o jornal, não está separado do objectivo».*

## O COMEÇO DAS PEQUENAS CEDÊNCIAS

Para esse grupo de patriotas que se mantinha íntegro há um acontecimento que marca o princípio das cedências.

*«...Entretanto houve uma altura em que o camarada Adriano Sumbana, dadas as condições em que nós vivíamos na cela 5, e ele sofrer de pneumonia, ficou doente e começou a escarrar sangue. Então ele abordou-nos: «Irmãos. Eu já não aguento. Como vêem estou doente. E para sair daqui não há outra hipótese senão aderir ao Ressurgimento.»*

*Nós analisámos a situação dele, assumimos a responsabilidade. Eu posso dizer em nome dos outros camaradas: aceitámos que o Sumbana saísse da cela».*

Pela mesma altura aumentam as pressões psicológicas da PIDE sobre o grupo:

*«Entretanto, começou uma outra fase de pressão psicológica. Vinha um guarda, principalmente o Tavares que era o terror da Machava, muitos conhecem-no, e começava a querer entabular conversa e dizia: «Vocês todos aqui são bons. Mas há uma meia dúzia de «ovelhas ranhosas» que estragam o grupo todo». Entre nós procurávamos descobrir essas «ovelhas ranhosas» e não descobríamos. Nós como foi dito aqui ontem, ficámos em condições difíceis. E a situação tornou-se mais difícil ainda quando estavam neste processo de recuperação que para nos pressionar mais, de modo a sentirmos mais dor, começaram a reduzir até os quinze minutos que tínhamos de recreio três vezes por semana para cinco minutos e quando saíssemos. Repetiam sempre: «Vocês todos são bons... meia dúzia de ovelhas ranhosas estão a estragar o grupo e vocês estão a passar mal por isso».*

Dá-se então uma gradual aderência ao jornal da PIDE «Ressurgimento». Ângelo Chichava recorda toda a complexidade da situação na autocrítica que fez durante a reunião:

*«Nós aqui não queremos dizer que os culpados são aqueles que estavam no Ressurgimento. Não, nós somos os culpados. Nós é que traímos quando nos reunimos e dissemos: vamos recuar para irmos tomar novas posições. Tínhamos então estabelecido uma estratégia e tácticas incorrectas. Nós não traímos só a causa da Revolução, também traímos as nossas próprias consciências. Porque nós estávamos conscientes das nossas acções a partir do momento em que nos reunimos na cela 2 e dissemos: não a qualquer actividade de recuperação. E mesmo na cela 5 estávamos conscientes quando dissemos que iríamos resistir até à última gota de sangue. Portanto, ao recuar, permitimos que o inimigo dizimasse o nosso povo, fizesse e desfizesse de nós. Tudo quanto fizemos depois na nossa adesão ao Ressurgimento foram consequências daquele movimento em que nós nos sentimos fracos.»*

**O Presidente Samora Machel, neste ponto, interrompe para dizer: «*Obrigado, obrigado, é exactamente isso*».**

**Entre o grupo surge uma justificação: adoptam a atitude incorrecta de que as cedências permitiriam usar certos canais para prosseguir a luta. Na verdade o que acontecia era o contrário: era a PIDE que os começava a usar.**

## MANTIDO O ESPÍRITO NACIONALISTA

Ângelo Chichava fala ainda de uma outra fase em que de novo alguns que tinham compromisso com a PIDE conseguiram não trair outra vez:

*«...O agente informou-nos que a nossa missão consistia em, nos postos de socorro e bancos, ouvirmos o que as pessoas falassem contra o governo português. ...Nós uma vez mais conseguimos voltar aos nossos anteriores princípios. Nós não trocámos a FRELIMO pela liberdade, Camarada Presidente. Uma vez mais pudemos dizer NÃO à PIDE. E para isso tivemos que evocar vários motivos uns dos quais eram: nós somos daqui, muitas pessoas já nos conhecem, sabem quais são as nossas habilitações. Portanto não faz sentido que eles nos vejam por aí em postos de socorro envergando batas brancas e a distribuir comprimidos. Nós fomos presos por causa da FRELIMO. Não podem compreender porque é que nós estaríamos a trabalhar ali.*

*Recusámo-nos a aceitar a proposta pelo que, de novo, conduziram-nos à cadeia. Portanto, preferimos voltar para a cadeia a aceitar esse tipo de missão. Na cadeia guardámos sigilo sobre o que nos tinham dito. Passaram-se os dias. E quando chegou o dia da saída já as propostas, haviam sido feitas, nós saímos. Quando saímos eu fiquei seis meses desempregado. Havia possibilidades de recorrer à PIDE para arranjar emprego pois se tinha sido ela própria que havia colocado essa possibilidade. Isso não era porque as pessoas que haviam colaborado nos trabalhos de recuperação se sentiam PIDEs»:*

O facto de nunca chegarem a ser agentes directos da PIDE distância aqueles que vacilaram daqueles que traíram. Por outro lado este reconhecimento dos pequenos compromissos, esta atitude de contar abertamente as pequenas fraquezas também contribui para os diferenciar dos traidores. Ângelo Chichava, como outros, conseguiu contar o processo. Assim retirou ao inimigo de hoje a possibilidade de usar contra ele quaisquer antigos compromissos.

O inimigo perdeu assim alguns dos seus possíveis agentes para o futuro. Como diria o Presidente Samora: *«Eles fizeram a autocrítica. Eles libertaram-se do peso que os sufocava, libertaram-se sobretudo da pressão e chantagem que o inimigo podia exercer sobre eles».*

# OS QUE TRAIRAM

## OS QUE TRAÍRAM

Entre os presos políticos da PIDE houve os que, tal como Simango, Kavandame e Gwengere, traíram a causa da independência. Aqui ficam os nomes, o itinerário político e os crimes de três deles, que foram colaboradores directos da PIDE.

## LUÍS CATOPOLA

Em 1965 José Luís Catopola — ex-seminarista e funcionário administrativo — infiltra-se num grupo que pretende fugir para a FRELIMO a partir da província do Niassa. A PIDE prende todo o grupo e Luís Catopola é levado para a prisão da Machava onde, desde logo foi um dos protegidos das autoridades da cadeia, facto esse evidenciado, por exemplo, pelo tipo de tarefas que lhe eram dadas:

« *Durante este tempo fui escolhido para fazer a limpeza das casas de banho. Este foi o meu primeiro trabalho na Machava, e isto, quando me encontrava já no pavilhão 7. Durante 4 meses fiz este trabalho até à altura em que indigitaram-me para dar aulas de classes a alguns prisioneiros. Tempos depois fui de novo escolhido para trabalhar na secretaria da cadeia. Já no fim de 1968 foi fundado o jornal «Ressurgimento» Eu e alguns companheiros escrevemos para esse jornal*».

*José Luís Catopola: «... Quando o Kavandame regressou ficámos dois dias em Pemba. Foi durante estes dois dias que o entrevistámos. De volta à Machava com a reportagem a PIDE disse que eu ia beneficiar da amnistia.»*

No seu depoimento Catopola quis ocultar o tipo de trabalhos que fez para o jornal da PIDE. O Presidente Samora Machel lembra-lhe um artigo calunioso sobre a morte do Presidente Eduardo Mondlane e uma entrevista ao reaccionário Lázaro Kavandame que em fins de Março de 1969 se entrega aos portugueses. Posto perante a verdade Catopola não a pode mais esconder:

«... *Às 6 horas da manhã estava um agente da PIDE que nos levou ao aeroporto e, daqui, até ex-Porto Amélia. Lá ficámos à espera de Lázaro Kavandame que no entanto saíra de avião para Mueda onde fora lançar panfletos. Quando o Kavandame regressou ficámos dois dias em Pemba. Foi durante estes dois dias que nós o entrevistámos. De volta à Machava com a reportagem a PIDE disse que eu ia beneficiar da amnistia com mais alguns companheiros.*»

E houve outros aspectos da sua colaboração com a PIDE a serem lembrados por outros presos que conheceram Catopola. Um ex-preso da Machava levanta-se e diz que ele «*esqueceu o discurso que fez um dia, e que já não posso precisar, no qual insultou o nosso movimento, a FRELIMO, e se é mentira os camaradas poderão esclarecer este ponto*».

« *Na verdade fiz um discurso*», responde Catopola.

Outro ex-preso adianta mais alguns pormenores: «*Catopola, lembras-te daquele discurso que fizeste de insultar o camarada Presidente Eduardo Mondlane? Este camarada era um daqueles mais privilegiados. A vida dele era muito diferente da nossa. Quando os estrangeiros visitavam a Machava era ele que andava a discursar, a dizer que estávamos bem, que comíamos bem, etc. Quando o Kaulza de Arriaga visitava a Machava ele estava lá e foi ele que acompanhou o Kaulza na visita das celas e a testemunhar que todos estavam bem*».

Mas a principal traição de Catopola reside no facto de ele ter sido um dos agentes de recuperação dos outros presos políticos ao serviço da PIDE e de ter chegado a ser como que o cérebro ideológico do «Ressurgimento»; de tal maneira que a sua prática no jornal introduziu entre os outros presos a palavra «catopolar».

No dia 26 de Maio de 1969, dois meses depois de entrevistar Kavandame, José Luís Catopola sai da cadeia. Os seus serviços à PIDE valeram-lhe imediatamente um emprego no jornal «Diário» órgão dirigido pelo bispo Custódio Alvim Pereira e pelo padre Luís Santos, ambos colaboradores da PIDE. Depois dos Acordos de Lusaka, Catopola passou a trabalhar nalguns Grupos Dinamizadores da província de Inhambane.

REPÚBLICA PORTUGUESA

Registo Civil da Província de Moçambique

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

*Certidão de nascimento datada de 1960 que confirma Matias Mboa como guarda auxiliar (parte sublinhada).*

## MOISÉS MASSINGA

Moisés Massinga foi preso juntamente com um grupo de jovens que procuravam a fuga para a FRELIMO. Entre as traições dele conta-se o ter denunciado à PIDE os nomes dos que mais resistiram. Foi ele o primeiro a aceitar a colaboração no «Ressurgimento» e fez-se porta-voz do chefe da cadeia junto dos outros convidando-os a colaborar com a PIDE também.

«*A minha traição foi quando eu rejeitei os meus colegas aderindo ao «Ressurgimento». A partir daí houve uma série de consequências de escrever mensalmente para o jornal... Uma das grandes consequências foi que dentro do bloco que existia na cela, eu ao aceitar ir para o «Ressurgimento» criei uma brecha e devido a essa brecha os outros foram fraquejando.*»

Uma das tarefas de Massinga era passar para a PIDE uma lista com os nomes daqueles que mais resistiam na prisão, aqueles a quem a PIDE chamava de «ovelhas ranhosas». Esta traição de Massinga levou ao isolamento e à tortura de muitos presos e à morte de outros. Falando sobre aqueles que Massinga entrevistava e

*Moisés Massinga, forneceu à PIDE uma lista daqueles que na cadeia mais resistiam à recuperação.*

depois morriam o Presidente Samora lembrou-lhe que dos doze que ele entrevistara só três estavam presentes na reunião. E o Presidente Samora acrescentaria: «*Sabes, nós aqui temos consciência disso. Há coisas graves, ouviste Massinga? Tu tens aí mortes na consciência. A tua consciência está muito pesada.*»

## MATIAS MBOA

A trajectória política de Matias Mboa inclui uma das maiores traições trocou o seu posto de responsável da FRELIMO no sul do país pela actividade de agente da PIDE e chegou a constituir uma rede de ex-agentes da PIDE com interesses antagónicos aos da FRELIMO e do povo moçambicano.

Vejamos algumas passagens dessa trajectória.

Em 1959 Matias Mboa pertence à Polícia Internacional que mais tarde viria a dar a PIDE. Tempos depois foge para Dar-es-Salaam, recebe treino militar na Argélia e é enviado para a Suazilândia como representante da FRELIMO. Na Suazilândia comporta-se de forma contrária à linha política da FRELIMO: embebeda-se frequentemente e envolve-se com mulheres. Em 1969 recebe ordens de Dar-es-Salaam para apoiar, com trabalho político, o lançamento da luta armada no sul do país.

Volta para Moçambique e, em Marracuene, é preso pela PIDE. Surge a sua primeira traição: denuncia o local onde estava Joel Maduna, responsável da rede clandestina da FRELIMO para todo o sul do Save. Essa rede clandestina é destruída e os seus membros presos. Na cadeia da Machava o tratamento que Matias Mboa recebe é diferente daquele que é dado aos outros.

Mais tarde recebe a notícia da morte de seu pai. Aí a PIDE explora esta perda e alicia-o para novos compromissos baseados no facto de ele ter sido membro da Polícia Internacional em 1959. Então é transferido da cela onde se encontrava sózinho e posto na cela dos seus companheiros. É o primeiro benefício. Inicia-se um novo processo de traição facilitado pelo facto de os outros presos continuarem a olhá-lo como responsável da FRELIMO. Cada cedência que faz à PIDE provoca cedências por parte de outros. Aí se aplica aquilo que o Presidente Samora tem por diversas vezes dito: «*Quando os grandes estão corrompidos os pequenos seguem-nos*». Chega o momento de participar no «Ressurgimento».

«*Foi a partir de 1970, salvo o erro, que então... cometi o maior crime. Entrei no jornal «Ressurgimento» para a secção desportiva. Vantagens que teria obtido dessa minha traição foi pura e simplesmente o ter conseguido fazer exame enquanto estava na cadeia. Vantagens que teria conseguido dessa minha traição foi o ter conseguido sair mal acabei a pena.*»

Mas antes de ser liberto Matias Mboa envolve-se num caso de grande traição que leva à morte de vários presos.

Na Machava Joel Maduna tinha conseguido criar uma rede de elementos politicamente activos que constituiram um foco de resistência. Alguém os denuncia. São levados para as celas da morte e aí são assassinados.

Nessa altura um dos presos, António Sumbane, é chamado ao director da prisão que lhe propõe a saída da prisão se ele declarasse ter sido ele a denunciar a rede de Joel Maduna. António Sumbane vai consultar Matias Mboa e este aconselha-o a aceitar a proposta da PIDE. Tendo aceite este conselho Sumbane é posto em liberdade o mesmo acontecendo com Mboa algum tempo depois.

Logo após o golpe de estado em Portugal a 25 de Abril de 1974, por iniciativa do governo português, Matias Mboa vai a Dar-es-Salaam contactar a FRELIMO. Na capital tanzaniana confidencia que quer comprar terrenos em Moçambique para fazer uma grande machamba. De volta a Moçambique cria um grupo de simpatizantes da FRELIMO no sul do país e entra para a Sede Nacional da FRELIMO onde começa a distribuir posições a antigos colaboradores da PIDE.

A sua actividade na Sede Nacional da FRELIMO é marcada por sérios desvios da linha de comportamento exigida a quem trabalha nas estruturas da FRELIMO. O próprio Matias Mboa diz: «*Foi neste período que o comissário nos veio dizer que havia queixas constantes das populações em como nós éramos corruptos sexuais. Nós aceitámos que de facto éramos corruptos sexuais na medida em que andávamos com várias mulheres mas até certo ponto havia um pouco de exagero da parte das populações ao dizer que nós dormíamos com as mulheres dentro da sede.*»

O Presidente Samora interrompe e pergunta-lhe se considera de facto exagero aquilo que diziam as populações. Matias Mboa continua: «*Eu reconheço que de facto neste ponto sou muito fraco... não quero procurar nenhuma desculpa... É que na sede da FRELIMO, confesso, não me lembro de nenhum caso que nós tenhamos feito. Mas lá fora, confesso, fazíamos*». E mais adiante disse: «*Houve uma tentativa de defesa da nossa parte. Tentámos negar que andássemos com mulheres. O camarada comissário disse: «Se vocês negam eu vou fazer uma reunião política e entregar-vos às próprias populações». Foi aí que tentámos reconhecer, embora com defesas. Camarada Presidente, não é fácil reconhecer um erro perante um superior... Aliás, é o mesmo problema que nós temos aqui. Eu digo que muitas vezes ao entrar aqui na reunião a minha preocupação foi de defender-me porque naturalmente reconheço que a maior parte das acusações que me fazem são verdadeiras. Mas reconhecer ao Camarada Presidente, reconhecer ao camarada Marcelino dos Santos... e a todos os camaradas, confesso que isso custa-me profundamente.*»

*Matias Mboa criou uma rede de ex-PIDEs infiltrados nas estruturas da FRELIMO*

Mas a verdade sobre a actividade de Matias Mboa na sede da FRELIMO vai mais longe, Matias Mboa começara, a partir da sede, a montar toda uma rede de elementos cujos interesses são contrários aos da FRELIMO. Face a este conjunto de actuações a direcção da FRELIMO manda-o para Chimoio. Lá, ele retoma os desejos de ser proprietário de terras e explorador, pede um empréstimo bancário para criar uma machamba de 20 hectares Mais tarde estes terrenos foram incluídos num projecto para uma machamba estatal e Mboa resiste a que isso aconteça.

PRESIDENTE: «*É por isso que nós te prendemos. Ouviram? Recusava. Tinha terra. A terra é nossa e é funcionário, é membro da FRELIMO, emprega gente. O que é isto? É aí onde o Matias passa a atacar abertamente a linha política da FRELIMO.*»

Numa outra altura o Presidente Samora recordaria outras passagens da vida de Matias Mboa: «*Eu conheci Matias Mboa como muitos o conheceram aqui. Ele foi aluno da escola do Alvor — Escola de Habilitação de Professores Indígenas — e aquela escola constituía um centro de recrutamento de agentes. O Chico Feio foi recrutado naquela escola, Matias também foi recrutado lá para trabalhar na Polícia Internacional... O Matias Mboa foi recrutado pelos padres lá que eram agentes também. Escolhiam os mais espertos e enviavam para a Polícia Internacional dirigida pelo Roquete. Matias trabalhou com o Roque até 1960 quando ele fez o 1.º ciclo.*»

José Luís Catopola, Moisés Massinga e Matias Mboa traíram a revolução. E na reunião com a direcção da FRELIMO recusaram o processo de purificação que lhes foi aberta e honestamente proposto. Como característica comum, só reconheceram certos crimes quando lhes apresentavam provas irrefutáveis.

# OS HERÓIS

Ao lado dos heróis que tombaram na guerrilha, aqueles que morreram nas prisões coloniais-fascistas sem denunciar companheiros, figuram aqueles que a tudo resistiram. São aqueles que recusaram os aliciamentos da PIDE e resistiram às mais brutais torturas físicas e psicológicas.

Três nomes entre muitos: Simon Macaba Xavier Boca, Lourenço Mondlane. A sua história, a história da sua resistência é exemplo para todos os moçambicanos.

## SIMON MACABA

Onze anos de prisão; dentro da cadeia organiza uma revolta de presos que conseguem prender os guardas temporariamente e apoderarem-se das suas armas; participou num protesto contra a má alimentação dos presos; participou na recusa da recuperação que a PIDE fazia das danças do povo moçambicano. Liberto a 1 de Maio de 1974 Simon Macaba é marginalizado por aqueles que compunham a rede montada por Matias Mboa. Não desanima e continua a sua actividade de militante na região da Manhiça. Nenhuma cedência ao inimigo, nenhum compromisso com a PIDE. Esta a história de um camponês de Cabo Delgado que resistiu consequentemente.

No princípio de 1963 Simon Macaba é preso na área de Mueda. Diz ele:

«*E fiqui por lá. No mês de Fevereiro, em 63, Fevereiro de 63 quando os Maometanos estavam a jejuar. Eles levaram-me porque foi descoberto na Missão Nangololo, uma organização que havia dado esconderijo ao Jacob Cainde. Havia lá cartões de propaganda da FRELIMO e ali encontraram o meu nome que escrevia sempre como organizador da parte da juventude. Andava a mobilizar os mais novos para iram para Dar-es-Salaam tomar conhecimentos militares, vida militar, para vir libertar Moçambique. Encontraram o meu nome ali. Pensaram então que enquanto me estivessem a guardar ali, a qualquer momento poderia fugir «porque já tirou o mapa todo é melhor meter na cadeia» Levaram-me e puseram-me na cadeia.*

*Nesse momento eu pedia sempre à Administração que me desse dinheiro para comprar alimentos porque ali não havia comida e não havia ninguém da minha família. Davam-me o dinheiro mas eu recomendava à Missão de Pela, perto de Mueda, para que o entregassem aos organizadores que andavam a recrutar rapazes da Missão para irem para Dar-es-Salaam... Quando faziam o meu processo veio o camarada Veloso que naquele tempo era piloto da Força Aérea da parte de Mocimboa da Praia. Quando entrei na Administração o adminisirador disse: «Ouve lá Veloso, como você fala inglês fale com este gajo. Eu não quero ouvir nada do que ele está para aí a falar, não quero ouvir nada, fala com ele». O Veloso estava com um colega dele, o José... Entrámos no Gabinete do secretário do administrador que era cabo-verdiano. E assim, afinal, a primeira pergunta foi «como havemos de conseguir chegar a Dar-es-Salaam?».*

Transferido para a prisão da Machava aqui passa o resto dos onze anos de cadeia sem nunca ter caido em compromisso com a PIDE. No dia 1 de Maio de 1974 sai da Machava e mais tarde começa a receber algumas tarefas da Organização dadas pelo Comissário Político Nacional Armando Guebuza. No entanto o grupo de Matias Mboa instalado na sede da FRELIMO em Lourenço Marque marginalizava Macaba e outros. Apesar disso nunca desanimou.

«*É houve aquela chamada para virmos aqui. Eu disse para comigo: afinal a FRELIMO sempre me reconhece. Então chegámos aqui e saí daqui com orgulho», acrescentou Simon Macaba referindo-se à reunião entre os ex-presos políticos e a direcção da FRELIMO.*

A pedido do Presidente Samora outros ex-presos políticos que conheceram a actividade de Macaba na Machava acrescentaram outras passagens da sua vida. Um deles disse que certo dia Macaba disse aos portugueses na prisão: «*Porque é que vocês nos dão aqui má comida, maus tratos quando os prisioneiros de guerra que estão nas mãos da FRELIMO estão sendo bem tratados? Porque é que vocês não aprendem com a FRELIMO?*»

## XAVIER BOCA

Nascido em Gaza no ano de 1909, Xavier Boca ouviu falar da FRELIMO por intermédio de Jaconias Massango em 1964. Daquilo que ouvi de Massango, que regressara da Suazilândia, Xavier Boca não hesitou em filiar-se na FRELIMO. Vem para a cidade de Lourenço Marques e consegue transformar-se num operário especializado. Em pouco tempo passa a desempenhar a tarefa de recrutar jovens para irem adquirir treino militar em Dar-es-Salaam. Surge então a prisão de Massango que era o responsável pelo grupo. Xavier Boca conta:

«*Em 1965 o camarada Massango foi preso quando voltava da Suazilândia.*

*Tivemos conhecimento. Apesar de tudo não vacilámos. Com a nossa experiência e sem aquele que nos dera as primeiras luzes da clandestinidade, perante ameaças constantes do inimigo fomos gatinhando. Contudo não estávamos completamente sós. Um outro camarada que substituiu o camarada Massango, de nome Munguambe, ia orientando as nossas actividades. Ele passou a conduzir para a Suazilândia. A casa dele passou a ser o ponto de abrigo de camaradas vindos da Suazilândia em missão de serviço. A casa deste camarada era da mesma forma o ponto de difusão de orientações para todos nós. Isto tudo decorreu até Janeiro do ano de 1966 altura em que muitos dos meus camaradas foram presos e seguidamente eu, a 11 do mesmo mês.»*

*nome porque sabe que tu és maluco. Pensas que depois de morto ainda és capaz de falar? O Juiz sabe que tu tens cabeça maluca, e por isso riscou o teu nome. Fazes tudo ao contrário daquilo que os outros fazem. Alguma vez viste alguém falar depois de morto?*

*No fim, ele deu-me o processo para assinar, e a partir daquela data tinham acabado as investigações para mim. A partir daqui, passei a viver conjuntamente com outros camaradas macondes na prisão, e este foi o sofrimento que vi e vivi na cadeia.*

*O serviço que fiz lá foi juntar-me ao grupo de alguns camaradas que faziam cestos, e assim comecei a aproveitar apanhar um bocado de sol.*

*A vida, assim decorreu, até que em 1969, fui liberto».*

*«Os nossos heróis preferem morrer a trair a Organização e a luta do povo» —Presidente Samora Machel.*

É preso e levado para a Machava que ele denomina de «panela que ferve sem água». Ali passa dois anos e meio em completo isolamento. Os interrogatórios e as torturas sucedem-se mas ele não denuncia ninguém. Um dia Chico Feio chega a propor que o matem. Numa outra ocasião esteve à beira da morte. Ouçamo-lo:

*«Então levaram-me para um quarto onde estavam quatro agentes, um com um punhal, outro com uma pistola e outros dois com cavalo-marinhos, obrigaram-me a declarar coisas que eu não estava interessado em revelar, porque, caso contrário, dar-me-ia um tiro. Eu que já não dava valor à minha vida, respondi-lhes: disseram que se me dessem um tiro eu morreria e tudo acabar-se-ia para mim. E então respondi-lhes que depois de morto havia de falar. Tempos depois, veio o Inspector Acácio, e levou-me para o seu gabinete. Perguntou-me se eu tinha ido ao Tribunal, eu respondi-lhe que não, e então ele disse: «Pois é, o Juiz riscou o teu*

Cá fora procura emprego mas como é tido por «terrorista» não encontra; finalmente é empregado na SOCIMOL a ensinar aprendizes a mexer na máquina de moagem. Ele ganha 750$00, os aprendizes ganham 1 200$00. «*É porque és terrorista*», disseram-lhe. Só depois da independência, só depois daquilo que ele singelamente chama «o tempo da FRELIMO», é que passou a ganhar 3 250$00.

Referindo-se à história de Xavier Boca o Presidente Samora diria «*Estes são os nossos heróis vivos. Preferem morrer a trairem a Organização, a trairem a luta de libertação*».

Uma característica une Xavier Boca e Simon Macaba nos seus depoimentos. Falam com toda a simplicidade, a simplicidade daqueles que já misturaram a noção de «Eu» no «Nós» colectivo.

## LOURENÇO MONDLANE

O terceiro exemplo é de um combatente que foi morto pela PIDE. Chamava-se Lourenço Piadave Mondlane.

Quem conta a sua história é um ex-preso político que recorda os seus dias de prisão até à sua morte.

*«Ele esteve sempre connosco quando estávamos na cela 5, e até tínhamos começado a ensiná-lo através da janela»* — prosseguiu o relato — *«E, quando houve a greve dos estivadores no Porto de Lourenço Marques, levaram os presos para irem trabalhar em substituição dos grevistas. Nós tínhamos conversas com Mondlane, e ele havia-nos dito que, se ele tivesse possibilidades, meios financeiros, havia de sair e chegaria a Dar-es-Salaam porque ele conhece os caminhos, para ir expor a situação que se passa aqui na Machava. E nós dissemos: «só isso Mondlane? Vamos resolver».*

*«Então o Mondlane entrou primeiro num grupo que ia para Moamba cortar palha para fazer cestos, e ele disse que ia fugir lá, e nós dissemos: «não, é cedo ainda. É preciso criar primeiro condições. Fazer com que o inimigo acredite em ti, tu vais e voltas. A terceira, quarta vez, já não voltas». Ele então compreendeu-nos, foi à palha e voltou, tornou a ir e voltou, foi ao porto ganhou 60$00 e nós até ficámos seus tesoureiros, e acto contínuo, criámos condições através das nossas famílias, porque, não obstante as nossas condições, eles deixavam-nos receber visitas, para não criar pânico nas famílias lá fora, porque já tinha começado a onda de assassinatos. Então nós criámos condições para se arranjar dinheiro para o Mondlane fugir. Isso foi um segredo da cela 5. O Mondlane fugiu. Acabou um mês e estávamos já satisfeitos. Não fizémos nenhum documento escrito, tudo quando nós tínhamos a dizer, falamos a ele verbalmente.*

*Mas o Mondlane foi preso no Botswana. Estava no Botswana, foi preso e deportado e passou directamente para as celas do extermínio. Nós ficámos muito preocupados por sabermos a ligação que nós tínhamos com ele.*

*Nós criámos condições para tentarmos a todo o risco falarmos com Mondlane, para sabermos qual havia de ser a posição dele e o Mondlane disse:*

*«Eu não vou dizer nada.»*

*E o Mondlane não disse nada até morrer! Não disse nada até o matarem!»*

São estes três exemplos de integridade humana, três exemplos que juntos a muitos outros construíram a independência e o Poder Popular. ●